

Paula Cristina Simões dos Santos Trigo

Paula Cristina Simões dos Santos Trigo

Paula Cristina Simões dos Santos Trigo

UM AMOR INVULGAR

Paula Cristina Simões dos Santos Trigo

Setembro 2012

Autor : Paula Cristina Simões dos Santos Trigo

Editor : Bubok Publishing S.L.

© Paula Cristina Simões dos Santos Trigo, 2012

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
Desta obra pode ser apropriada ou retocada em
Sistema de banco de dados ou processo similar,
em qualquer forma ou meio, seja electrónico, de
foto cópia, gravação, etc , sem permissão do autor.

© **Bubok Publishing S.L.**

e-mail autor: pcsstrigo@hotmail.com

Dedicatoria

Desde que comecei a editar os meus livros, que cuidadosamente, os venho dedicando, com um carinho especial, aos meus Familiares, Amigos, Locais, Objectos, Sentimentos, etc.

É uma forma delicada de agradecer há Vida, tudo de bonito que ela me tem dado.

O meu novo romance, editado neste final de Verão de 2012 é dedicado a alguém que também já virou uma estrelinha brilhante no Céu: Conceição Midosi, uma velha Amiga, rabugenta e resmungona mas mesmo assim uma Amiga com A grande.

Lembro-me de a ver á janela da sua cozinha, bem cedo e com ar de quem ainda não tinha dormido tudo, a dizer-me adeus e a desejar-me um bom dia de trabalho. O Pão-de-ló de sabor fabuloso que fazia só para eu entrar em casa dela para conversarmos um pouco, e as rãs... dezenas e dezenas de objectos em forma de rãs.

No Natal e porque a idade já não permitia, lá vinha o pedido para lhe enfeitar a casa e era um sobe e desce das escadas, até que tudo ficasse perfeito.

Partiu de um dia para o outro, deixou-me de recordação, algumas rãs, uma caneca de cerveja alemã, que toca musica e a palavra Amizade esculpida no meu coração.

Obrigada pelo tempo que me dedicou, pelo que me ensinou, pelo Pão-de-ló, pela amizade e dedicação.

Talvez um dia a vá encontrar, a jogar á sueca com os amigos lá no Céu.

Um Beijinho imenso

Paula Cristina Simões dos Santos Trigo

Paula **C**ristina **S**imões dos **S**antos **T**riço

Um Amor Invulgar

I

Marta resmungou em voz alta e mais uma vez, atirou com a bengala no chão e chutou a cadeira que estava á sua frente.

Há seis anos atrás, fora com o pai que era fotografo desportivo, assistir a um jogo de futebol, ela estava a colocar uma das maquinas fotográficas do pai em posição quando um jogador de uma equipa Alemã furioso por ter sido expulso do campo, a empurrou, Marta bateu com a cabeça e perdera a visão. Desde essa altura, que o temperamento dela tinha mudado, mas á dois anos atrás com a morte do pai, Marta tornara-se terrível. Havia como que um revolta dentro dela que a fizera tornar-se quase insensível a tudo e a todos que a rodeavam. Ela tornara-se fria, rude e brusca e ninguém se conseguia aproximar minimamente dela.

Marta baixou-se e tacteou até encontrara a bengala, já que ninguém de casa se atrevia a ajudá-la, ela agarrou a bengala finalmente para alívio de todos os que estavam na cozinha.

- Quem foi que deixou a porcaria da cadeira fora do lugar? – Ela empurrou a cadeira para longe. - Esqueceram que eu sou cega por acaso?

Uma das empregadas com um olhar desesperado deu um passo á frente mas Dona Aura colocou uma mão no braço dela.

- Foi a mãe Marta. Peço desculpa.

Marta não se deu sequer ao trabalho de responder á mãe, ela sentou-se na mesa para tomar o pequeno-almoço, como fazia todos os dias antes de sair para o trabalho. Devagar e com alguma dificuldade colocou o leite na chávena sozinha.

- Querem parar de ficar aí especadas a olhar para mim? – Ela empurrou a faca com maus modos.

- Ninguém está parado a olhar para ti filha. - Dona Aura aproximou-se – Temos uma empregada nova e ela está um pouco... Desambientada... é só isso.

Marta levou uma mão ao relógio e levantou-se

- Preciso ir agora ou vou chegar atrasada.

Dona Aurora entregou a mochila á filha.

- Até logo.

Ela saiu de casa e caminhou pelo passeio. Marta era dona de uma pequena loja de electrodomésticos. Quinze minutos depois ela estava á entrada da loja.

- Ainda fechada. - Marta resmungou enquanto tentava achar as chaves da porta.

Com alguma facilidade ela colocou a chave na fechadura e abriu a loja, guardou as chaves e passou a mão mais uma vez pelo relógio.

- Bom dia dona Marta. - Uma moça nova entrou na loja.

- Passam quatro minutos da hora.

- Peço desculpas, o autocarro...

- Não quero saber de desculpas. - Ela foi andando pela loja. - Da próxima vez, só pegas uma hora depois. - Ela foi rude.

- Sim senhora. - A moça fez uma careta e apressou-se a ir abrir as cortinas das montras.

- Dona Marta preciso ir fazer os depósitos no banco, é melhor ir já, não è?

- Claro que é melhor ir já.

A moça respirou fundo, estava a trabalhar ali á três meses e já aprendera que por mais que fizesse, daquela mulher ela não ia conseguir receber um único sorriso nunca.

- Até logo.

Ela saiu porque sabia que não ia ouvir uma resposta.

Marta subiu os dois degraus até ao escritório, pousou a bengala no sitio do costume e voltou á loja, havia um cesto cheio de papeis á sua frente e ela principiou a conferi-los já que toda a facturação da loja era fornecida em Braille.

O apito de aviso que havia alguém entrando na loja fê-la levantar o rosto bonito e ela ouviu as vozes de três homens chegar até ela.

- Posso ajudar? – Ela não saiu do sítio onde estava.

- Nós só queríamos saber se tinham daquelas televisões pequenas, que trabalham a pilhas.

- Sim. Acho que sim. O senhor é alemão?

- Somos sim, porquê?

- Porque neste estabelecimento não vendemos nada, absolutamente nada a alemães. – Ela foi rude. - E por favor ponham-se lá fora.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

